

ZYGMUNT BAUMAN E O CONCEITO DE CULTURA[1]

ZYGMUNT BAUMAN AND THE CONCEPT OF CULTURA

ZYGMUNT BAUMAN Y EL CONCEPTO DE CULTURA

Matheus Mesquita Pontes[2]

Em 1966 Zygmunt Bauman publicou *Kultura i społeczénstwo. Preliminaria* (Cultura e sociedade. Preliminares) como professor da Universidade de Varsóvia na Polônia. Foi sua última produção bibliográfica no leste europeu sobre o "socialismo real" e a primeira voltada especificamente à relação entre cultura e sociedade. De 1968 a 1971 Bauman transitou por instituições de ensino superior na Austrália, Canadá, Estados Unidos e, por último, fixou-se na Inglaterra, na Universidade de Leeds. Sua migração contribuiu para a consolidação de um campo de experiência frente às trocas culturais, contatos com intelectuais de língua anglo-saxônica, apuramento das interpretações sobre os conceitos de cultura, comunidade, identidade, xenofobia, que marcariam o conteúdo de suas obras no final do século XX e início do século XXI.

Em 2012, no Brasil, a editora Zahar – que já publicou mais de 30 livros do autor – traduziu para a língua portuguesa e editou *Ensaios sobre o conceito de cultura*, obra que Bauman escreveu em 1973 com o título original *Culture as praxis* (Cultura como práxis), sendo o primeiro texto lançado em sua nova vida no território inglês. O livro contrasta com o teor de seus ensaios recentes, pois conceitos vitais como modernidade líquida, hiperfluidez e sociedade de consumo ainda não estão presentes – ou "amadurecidos" historicamente – na sua abordagem. Além disso, fica notório que o sociólogo escreveu essencialmente para os seus pares no meio acadêmico sobre forte influência da sociologia, da antropologia e da linguística estadunidense e britânica, de uma forma bastante distinta da observada nos seus textos produzidos no século XXI, nos quais a linguagem mais coloquial e carregada de exemplos contemporâneos se volta a uma gama diversificada de leitores no mundo ocidental.

---

[1] Resenha da obra: BAUMAN, Zygmunt. Ensaios sobre o conceito de cultura. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

[2] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso (IFMT), Cuiabá, MT, Brasil. E-mail: matheus_catalao@hotmail.com

Em *Ensaios sobre o conceito de cultura*, Bauman utiliza-se teoricamente da revisão do marxismo para defender as manifestações culturais como elemento primordial da práxis humana, em que valoriza sua característica de atitude livre e criativa que vá em oposição ao adestramento e controle tecnicista da sociedade moderna. O autor visualiza a cultura como libertadora de toda forma de alienação e opressão que pode levar a humanidade rumo à sua socialização fraternal. O livro, em sua versão original, é composto por três partes, que vamos resenhar sequencialmente nas linhas abaixo, além de uma introdução que foi inserida para as suas novas edições no século XXI.

No primeiro capítulo, "Cultura como conceito", Bauman reconhece que as formulações conceituais sobre o termo são frágeis, mas que no campo dos discursos existem três perspectivas estratégicas que se destacam. A primeira é a noção de cultura como *conceito hierárquico*, que foi gestada no mundo helênico e que, para o autor, perpetua-se em nossa mentalidade ocidental, na qual a cultura é um elemento herdado ou adquirido e que define as características da criatura humana. Essa noção só é possível de concretizar-se através da busca de "natureza ideal", advinda do esforço consciente e prolongado. Nesse caso, o modelo ideal de cultura estaria presente no indivíduo moralmente bom, belo e mais próximo da verdade da natureza. Seria o homem capaz de desempenhar seus deveres cívicos em benefício da comunidade e que, em contrapartida, merece ser recompensado por sua devoção à atividade pública. Na era moderna, a cultura hierárquica foi reinventada em benefício dos intelectuais, sacramentada como padrão moderno de cultura que pode elevar o nível de vida e/ou salvar os interesses da humanidade.

Uma segunda noção está presente no discurso da cultura como *conceito diferencial*, na qual a preocupação primordial é de visualizar as diferenças dos modos de vida entre os vários grupos humanos, classificando-os. Para Bauman, a visão de cultura é própria da era moderna – apesar de ela ter se apropriado de traços da noção hierárquica de cultura –, em que antropólogos se utilizaram do elemento diferencial para desenvolver suas pesquisas e anunciar descobertas sobre as "verdades" das culturas de outros grupos sociais. O *conceito diferencial* desenvolve a ideia de que a cultura é responsável pelos diferentes destinos dos povos, aliando-se, nessa formação, questões de raça, ambientais e econômicas; a questão do sobrenatural oriundo da providência divina que interfere na formação cultural é posta de lado. Apesar de a cultura ser colocada como o principal diferencial da condição humana, fortalece a crença de que o trabalho intelectual pode contribuir expressivamente para os esforços de socialização e engrandecimento de qualquer grupo social; ocorre o fim do elemento único que define a cultura. Embora a cultura seja vista de forma mais ampla no *conceito diferencial*, ainda se limita à comunidade estudada, a um sistema de coesão interno, não desenvolvendo ferramentas para compreensão das causas de possíveis transformações ou

"desvios" internos da ordem. Para Bauman, os defensores do *conceito diferencial* estavam mais preocupados com os dados que justificassem a autoidentidade da comunidade do que em identificar qualquer "mistura" cultural, reafirmando a lógica que o contato com o outro é indesejável e maléfico.

De forma diferenciada das duas primeiras, a terceira noção, o *conceito genérico* sobre a cultura, visa apontar atributos em comum da espécie humana que as distingue dos demais seres vivos, isto é, a cultura é uma característica universal de todos os homens. Só o homem pode ter acesso à cultura, pois é o único animal que produz ferramentas e símbolos para sua socialização e sobrevivência. No *conceito genérico* não existe sociedade sem cultura, ou a cultura sem o alicerce de uma comunidade, frente a essa lógica a linguagem ou produção dos símbolos são o cerne universal e básico da cultura humana. Durante a abordagem das três noções discursivas sobre o conceito de cultura, Bauman realiza um amplo inventário das discussões no meio intelectual, tendo nas relações com a antropologia, semiótica e sociologia suas principais referências para análises.

No segundo capítulo, "Cultura como estrutura", o autor visualiza a estrutura como o ordenamento das inter-relações dentro de uma sociedade, em que sua ausência – equivalente à desordem – impossibilita uma dinâmica sociocultural entre os homens. Porém, isso não significa a defesa de uma estrutura fixa ou imutável do sujeito como acreditavam os gregos, ou na influência positivista nas ciências modernas, pela qual se torna possível analisar e organizar a sociedade culturalmente através de registros e descobertas quantitativas. Bauman defende que a estrutura é um conjunto de regras em constante transformação, práticas que vivem novos processos inventivos e/ou de perdas de significados em função de novos ordenamentos. Para sustentar seu posicionamento conceitual sobre estrutura, o sociólogo faz questão de opor-se ao positivismo, às formulações teóricas de Émile Durkheim, Max Weber e dos marxistas influenciados pelo positivismo em suas formulações sobre o social e a cultura, além de tratar como uma falsa polêmica o debate intelectual na definição se a essência da sociedade é cultural ou social, ao apontar que a "chamada 'estrutura social' é inimaginável em qualquer outra forma que não a cultural" (BAUMAN, 2012, p. 213).

No último capítulo, "Cultura como práxis", Bauman aponta que, independentemente das elaborações específicas sobre o conceito de cultura, existe uma convergência interpretativa de que ela se vincula à práxis humana. Porém, teoricamente, existe o esforço do autor em denunciar a concepção cultural dos positivistas que se voltam ao tecnicismo da reprodução aliado ao controle social. Opõe-se ao silêncio de Durkheim frente à questão das virtudes e na sua crença na neutralidade do pesquisador. A sociologia e a antropologia, como as demais áreas de estudo das ciências humanas, precisam sair das limitações em "determinar o valor" e/ou as especificidades

culturais – como uma coleção – dos grupos sociais existentes na humanidade. Tais demarcações fronteiriças só reafirmam a condição da existência do "nós" e do "outro", elemento impulsionador da xenofobia praticada por "movimentos radicais" que visam eliminar a viscosidade – o "estranho", a "ameaça", isto é, o "outro" – de seu meio social, além de estimular sentimentos totalitários que visam dissolver as peculiaridades do indivíduo no falso benefício do nós – somos um só –, práxis que leva ao extremo da vigilância interna, à intolerância e à rígida demarcação das fronteiras socioculturais.

Para Bauman, a cultura humana está longe de ser a arte da adaptação; ela é vista como um movimento que pode quebrar as limitações da ordem vigente e revela a criatividade humana, isto é, a cultura liberta e abre margens para uma multiplicidade de realidades no despertar de vontades e desejos anteriormente proibidos. "A cultura, portanto, é o inimigo natural da alienação. Ela questiona constantemente a sabedoria, a serenidade e a autoridade que o real atribui a si mesmo" (BAUMAN, 2012, p. 301). Sendo assim, na proposição de Bauman, a cultura é especificamente humana, no sentido que só o homem, como espécie, é capaz de desafiar sua realidade e produzir novos significados para usa vida. Seja no plano individual ou no coletivo, somente o homem pode conquistar a liberdade para criar.

Na "Introdução" de *Ensaios sobre o conceito de cultura*, escrita depois de três décadas de sua primeira publicação e que está presente na edição brasileira, Bauman afirma que é na ambivalência que se produz sentidos à cultura, seja na sua função criadora e ao mesmo tempo de regulação normativa, isto é, a cultura é tanto "um agente da desordem quanto um instrumento da ordem [...], nada pode produzir além da mudança constante, embora só possa produzir mudança por meio do esforço de ordenação (BAUMAN, 2012, p. 18). Nesse sentido, o sociólogo abandona o termo "sistema cultural", que normalmente remete à noção de uma totalidade cultural fechada em si – muito reivindicada como uma proclamação do Estado em busca de uma "cultura nacional" –, em benefício do termo "matriz cultural"[3], que aponta a cultura e a sociedade em constantes transformações.

Fazendo uma ponte com seus escritos mais recentes, Bauman afirma que a vida moderna/contemporânea sustentada no consumo e no individualismo destruiu o projeto de cultura nacional, assim como do multicomunitarismo ou projeto comunitarista com noções de culturas fechadas em si. Para o autor, vivemos o período do pluralismo cultural no qual uma multiplicidade de valores são frouxamente coordenados e ligados, fruto do constante intercâmbio cultural impulsionado pelas facilidades de transição das informações e dos indivíduos. Uma época, segundo Bauman, propícia ao intercâmbio cultural.

[3] O termo "matriz cultural", Bauman o apropria do antropólogo Levi-Strauss, que apresentou a "cultura como uma estrutura de escolhas – uma matriz de permutações possíveis, finitas em números, mas incontáveis na prática" (BAUMAN, 2012, p. 39).

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Resenha recebida em 26-06-2014, revisada em 20-10-2014 e aceita para publicação em 28-10-2014.